

PORTO ALEGRE, RS, 6 DE FEVEREIRO DE 1997

*Meu caro amigo e Governador do Rio Grande, Antonio Britto; Senhor Ministro das Minas e Energia, Raimundo Brito; Vice-Governador, Vicente Bogo; Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Vargas; Nosso companheiro e amigo, Desembargador Aduardo Fabrício, do Tribunal de Justiça; Prefeito em exercício de Porto Alegre, José Fortunati; Senhores Parlamentares; Deputados Federais, Estaduais; Vereadores; Senhores Presidentes da Eletrosul, de Furnas, Eletrobrás; Enfim, tanta gente que aqui está; Senhoras e Senhores,*

É cada vez mais difícil, para um Presidente da República, falar em público, depois das palavras do Governador Britto e do Ministro Brito. Agora descobri – já tinha percebido uma certa conspiração em favor do Rio Grande – mas só agora o Britto deu o “mapa da mina”: há uma certa “baianidade” nessa história, aqui. E essa coincidência de nome, Brito, também é suspeita.

Mas acho que, realmente, as palavras que foram ditas por ambos são, de tal maneira, gratas de ouvir, gratas ao Presidente, que tenho só que dizer que me alegra muito o estar cumprindo o que havia prometido cumprir, e cumprindo com muito entusiasmo.

Muitas vezes, o Governador Britto esteve em Brasília, as bancadas estiveram comigo. Eu me lembro, no início do Governo, era só problema. Mesmo a agricultura – o Deputado Streck sabe disse, todos os Deputados sabem – a situação era calamitosa. E não era só a do Rio Grande, era em geral. Não por culpa de “A”, de “B” ou de “C”, deste ou daquele governo. No fundo, nós estávamos, todos, embriagados com a inflação. E a inflação criou um tal desarranjo nas coisas brasileiras que não se tinha por onde começar.

Sabem todos – o Ministro Britto era Ministro da Previdência e eu era Ministro da Fazenda, na época do Presidente Itamar Franco – as tremendas dificuldades que nós tínhamos para estabelecer qualquer agenda, qualquer programa. A inflação destruía tudo.

Sem deixar de mencionar que a inflação é irmã gêmea da corrupção. Os recursos, cuja avaliação já era difícil com a inflação, tornavam-se mais escassos nas realizações, porque uma parte deles sempre se evaporou. Se fizerem uma comparação entre o que é o gasto público na construção de uma usina, num período sem inflação, e num período com inflação, vão ver que a diferença é brutal.

Estou chegando, neste instante, de Santa Catarina, onde nós fomos inaugurar a quarta unidade geradora da Usina Jorge Lacerda. Bem, quantos anos levou a Usina Jorge Lacerda em construção? Dezesseis anos. É só colocar o custo financeiro de uma obra que se iniciou há dezesseis anos e cujo resultado não apareceu, para verificar que o custo do quilowatt vai ser altíssimo. E a descontinuidade administrativa mais a inflação, sem mencionar os aspectos de outras formas de perdas de recursos públicos, mesmo mencionando apenas as mais objetivas, já tornavam tudo muito mais caro, tudo muito mais difícil.

Acho que, realmente, o que permitiu que todos nós pudéssemos cumprir o que desejávamos – porque creio que todos sempre quiseram fazer as coisas, mas não conseguiam – foi o fato de que o Brasil soube entender o processo da estabilização. E não é por eu estar aqui, e em poucos minutos estarei numa reunião com gente de imprensa, mas isso só foi possível porque os brasileiros e as brasileiras entenderam, e isso se deu graças à mídia, que explicou do que se tratava, e nós tivemos a paciência

de explicar e dizer, outra vez e outra vez, até que entendessem que, realmente, ou se controlava a inflação ou tudo o mais era demagogia.

Mesmo que não se quisesse ser demagogo: “Eu vou fazer isso”, mas não consegue fazer. “Eu vou aumentar o salário”, não consegue. Nós fomos parlamentares, quantas leis de salários, todas inúteis. A renda sempre foi mais concentrada e o trabalhador sempre perdeu. Menos agora.

Por quê? Não porque antes não se quisesse repor salário, mas porque antes não se conseguia repor salário e hoje se consegue. Porque há uma unidade de valor que é estável. Não por acaso, nós combatemos a inflação criando a URV, nome estranho, que, em uma semana, todos os brasileiros entenderam e sabiam do que se tratava. E era uma construção intelectual muito difícil, uma intervenção controlada, rápida, para acabar com a inflação. Isso só seria possível se o povo entendesse, e entendeu.

Então, verdadeiramente, o que está permitindo que nós, hoje, possamos vir ao Rio Grande e o Governador fazer o grande trabalho que está fazendo aqui, no Rio Grande, é porque nós conseguimos estabilizar a moeda. E nós não conseguiríamos estabilizar a moeda sem o apoio da população, e não haveria apoio da população sem democracia.

O nome do milagre brasileiro é esse: democracia e seriedade no trato da moeda. Isso, junto, permitiu que se entendesse um conjunto de processos que antes ninguém entendia. Ia um contra o outro, como ainda hoje alguns, por incompreensão, não entendem. Então, ao não entender, esbravejam. Nós é que temos que ter a paciência de explicar.

Hoje, já existe um ambiente muito mais desintoxicado desses vírus que vieram dessa desordem que a inflação trouxe. Eu disse, há pouco, e vou repetir aqui, porque gostei da expressão do Senador Darcy Ribeiro, talvez em homenagem ao Presidente da Assembléia, que é do PDT. O Senador Darcy Ribeiro disse uma coisa que achei muito significativa, do jeito que o Darcy é, que é extraordinário. Ele disse: “A moeda estável é como a língua, é um elemento de identidade nacional”.

Isso é verdade. País que não tem uma moeda, não crê, não tem um ponto de referência estável. É muito mais do que, pura e simplesmente, uma tecnicidade. É algo que permite que as pessoas se refiram à moe-

da como algo que lhes dá unidade, que permite que haja um planejamento da própria vida, da vida pessoal e de tudo o mais.

Então, o que está acontecendo hoje, no Brasil, é uma mudança de mentalidade, que se deve, em primeiro lugar, à democracia e, em segundo lugar, ao fato de ter sido possível estabilizar a economia. E a existência da democracia permitiu que houvesse a comunicação, e a comunicação é essencial no mundo contemporâneo, porque leva à participação. As pessoas se informam e tomam posição, decidem. Não há mais manipulação.

É esse o espírito do Brasil de hoje. E nós percorremos esse Brasil – eu viajo bastante, fora do Brasil também, mas mais no Brasil, viajo bastante. Recentemente, fui ao Maranhão, fui ao Ceará, fui a Pernambuco. Isso tudo agora, coisa de 30 dias, enquanto diziam que eu estava obcecado com outras idéias. Eu estava viajando.

Agora fui a Santa Catarina, estou aqui no Rio Grande do Sul. Para não ficar só aqui, é claro, no sábado eu vou à Europa, mas vou trabalhar. Vou a Londres fazer uma conferência, para mostrar, em Londres, o que é o Brasil de hoje. Eu vou à Itália. E tudo isso gera esse fluxo de entusiasmo, de investimento, de compreensão desse novo Brasil.

Pois bem, essas viagens todas me permitem sentir o pulso dessa sociedade. E hoje, nós, realmente, vivemos um momento novo, porque o que está acontecendo no Rio Grande, que é o começo da volta da confiança do Rio Grande sobre ele próprio, está acontecendo em outras paragens.

Algumas regiões me preocupavam muito, como brasileiro. O que disse o Governador Britto é verdadeiro, sobre o Rio Grande, nas nossas conversas de 94. Algumas regiões precisavam de uma espécie de injeção de ânimo. Menciono três: o Rio Grande – e ainda temos a metade sul do Rio Grande, que continua preocupando – o Rio de Janeiro e Pernambuco.

Vão ao Rio de Janeiro, hoje, para ver. O clima é de crença. Eu, recentemente, vim de Petrópolis. Há pouco estivemos em Gramado, em Canelas. O clima é de crença. No Rio de Janeiro, lá, também, nós fizemos mais uma petroquímica. Fui a Sepetiba, na semana passada, porque estamos fazendo um porto importantíssimo, não para o Rio, é para o Brasil. Estamos fazendo um teleporto no Rio de Janeiro, para criar um

núcleo de telemática. Há o investimento de automóveis no Rio de Janeiro. Quando assumi o Governo, automóveis se fabricavam em São Paulo e em Minas. Agora, é em São Paulo, Minas, Rio. Daqui a pouco, é Rio Grande, é Paraná, é Santa Catarina, é Goiás e é Bahia. Dois anos. Bom, o Rio já tem, de novo, essa energia.

Agora fui a Pernambuco. Pernambuco me preocupava imensamente, porque o Nordeste é uma parte importantíssima do Brasil. Nós não podemos deixar que o Nordeste fique com a sensação de que o resto vai para frente e o Nordeste não vai. A Bahia já tomou seu rumo, o Ceará tomou seu rumo, mas Pernambuco é muito importante no Nordeste. Historicamente importante, politicamente importante, culturalmente importante. Fui agora, de novo, a Pernambuco, onde me encontrei com o Governador Miguel Arraes.

O Governador Miguel Arraes, no discurso que fez, testemunhou essa mudança em Pernambuco. E disse uma coisa que, me permitam repetir, porque acho que é importante, não por mim, para nós. Disse: “Olha, este Governo não discrimina partidos”. Ele sempre esteve na oposição. Ele recebeu todo apoio. Para quê? Para fazer o que o povo quer, para fazer o que é importante para Pernambuco. O que é importante para Pernambuco? É o porto de Suape. Nós estamos fazendo o porto de Suape lá, em Pernambuco. É revitalizar a Zona da Mata, com a cana. É tirar criança do trabalho, lá em Pernambuco. É examinar a construção da Transnordestina. É fazer a adutora oeste de Pernambuco. É fazer muitas obras hídricas em Pernambuco. Estamos fazendo.

Então, isso está acontecendo em toda parte. Eu quero reiterar, agora sim, os meus agradecimentos, porque quem está fazendo isso não sou eu, somos nós. E esse “nós” não é o Governador Britto, não é o seu parente, Raimundo Brito. Esse “nós” é o País.

Eu disse há pouco e repito aqui: eu é que tenho que agradecer muito a esse povo, tão generoso, que me deu a chance de presidir o Brasil no momento em que o Brasil despertou. Porque sou um sociólogo, não posso ter a ilusão de que é o Presidente que faz, eu não tenho essa visão.

Não posso ter a ilusão de que uma pessoa, ou mesmo um grupo de pessoas, sozinhas, são capazes de mudar as coisas. Não. Nós estamos

mudando porque o Brasil já estava querendo mudar. Foi possível combater a inflação – e eu disse isso na época – porque o Brasil cansou da inflação. Foi possível combater a corrupção, porque o Brasil cansou da corrupção. Como foi possível, na outra época, acabar com o autoritarismo, porque o Brasil cansou do autoritarismo.

É o próprio país que está se movendo, hoje. Este país é que tem essa força, essa confiança, que acaba fazendo com que nós todos nos sintamos, também, com mais energia, com mais vontade de fazer, e aí se cria uma sinergia.

De modo que quem tem que agradecer sou eu, Governador. Agradecer ao Rio Grande. Agradecer, muito especialmente, a Vossa Excelência, que nunca faltou ao Governo Federal e ao Brasil, nos momentos necessários, nem no plano administrativo, quando era difícil enfrentar o equilíbrio financeiro, orçamentário, fazer as privatizações, fazê-las com atenção, como nós vamos fazer agora a da Vale do Rio Doce. E ainda podem ver hoje, nos jornais, não há mais nenhuma dúvida quanto ao zelo do Governo da Federação para fazer, de forma apropriada e da melhor maneira possível, para o povo brasileiro, a privatização da Vale do Rio Doce. Sem nenhum risco de soberania, nem nenhuma dessas conversas de gente que não sabe o que está sendo feito, nem conhece o mundo atual.

Estamos fazendo com muita convicção, com muita propriedade. E se o Governador Britto fez isso aqui, num momento difícil, antecipando-se ao lançar-se nisso, eu é que tenho que agradecer a Vossa Excelência.

Mas podem estar certos os gaúchos que, se é verdade que não tenho a sorte de ser baiano e, portanto, ter essa ligação natural com o Rio Grande, mas toda a gente sabe que eu passei uma parte dos meus estudos aqui, no Rio Grande, e que meu pai morou no Rio Grande muito tempo – não aprendi o hábito que ele tinha, que é o do chimarrão – mas, de qualquer maneira, o Rio Grande, para mim, não é apenas uma leitura de livro. O Rio Grande, para mim, faz parte, se eu posso dizer assim, se é dada a mim uma pequena invasão, faz parte do meu coração.

Muito obrigado aos senhores.